



Europa Literária:

criação e mediação

Orgs.: Ana Paula Coutinho, Gonçalo Vilas-Boas, Jorge Bastos da Silva,
José Domingues de Almeida e Teresa Martins de Oliveira

CASSIOPEIA

Título

Europa Literária: criação e mediação
dezembro de 2021

Propriedade e edição

Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa

www.ilcml.com

Via Panorâmica, S/N 4150-564 | Porto | Portugal

Ilc@Letras.up.pt

T. +351 226 077 100

Conselho de redacção

Directores

Ana Paula Coutinho, Maria de Fátima Outeirinho, Marinela Freitas e Pedro Eiras

Autores

Ana Margarida Fonseca, Ana Paula Coutinho, Isabel Garcez, José Domingues de Almeida, Maria Beatriz Almeida, Maria de Fátima Outeirinho, Maria do Carmo Mendes, Orlando Grossesgesse, Pierre Schoentjes, Robert Dainotto, Rogelio Iyari Martínez Márquez, Teresa Martins de Oliveira

Assistente editorial

Lurdes Gonçalves

Capa

A partir da imagem de cartaz *A Europa Literária: criação e mediação*

ISBN 978-989-53476-0-5

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-53476-0-5/eur>

OBS: Os textos seguem as normas ortográficas escolhidas pelos autores. O conteúdo dos ensaios é da responsabilidade exclusiva dos seus autores.

© INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA MARGARIDA LOSA, 2021

Esta publicação é desenvolvida no âmbito do Instituto de Literatura Comparada, Unidade I&D financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, “UIDP/00500/2020”



ILCML | INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA
MARGARIDA LOSA

Europa Literária: criação e mediação

Orgs.: Ana Paula Coutinho, Gonçalo Vilas-Boas, Jorge Bastos da Silva,
José Domingues de Almeida e Teresa Martins de Oliveira

CASSIOPEIA

Índice

- 7 | Introdução
Ana Paula Coutinho, Gonçalo Vilas-Boas, Jorge Bastos da Silva, José Domingues de Almeida e Teresa Martins de Oliveira
- 11 | Ensaios de uma Europa literária: as partes e o todo
Ana Paula Coutinho
- 29 | L'européisme militant de Grégoire Polet. L'utopie politique de *Tous*
José Domingues de Almeida
- 37 | L'Europe et "l'échec de la culture". Réflexions à partir de Romain Gary et Patrik Ouredník
Fátima Outeirinho
- 47 | A questão da Europa na literatura judaico-alemã da pós-memória. O caso de Chronik meiner Strasse de Barbara Honigmann e de Ohnehin de Doron Rabinovici
Teresa Martins de Oliveira
- 61 | European Literature in "The Time of the Noose"
Robert Dainotto
- 63 | Yvan Goll ou o Esquecimento do Orfeu Europeu
Maria Beatriz Almeida
- 81 | Pertencer a parte nenhuma?: inscrições de imigrantes e afrodescendentes em narrativas portuguesas contemporâneas
Ana Margarida Fonseca
- 97 | *Um edifício frágil, inacabado, híbrido: A Europa de Amin Maalouf*
Maria do Carmo Mendes
- 107 | Is It Europe that place where...? One idea of Europe in Three Short Stories
Rogelio Iyari Martínez Márquez
- 123 | Reescrever o destino da Europa em África: *O Olho de Hertzog*, de João Paulo Borges Coelho
Orlando Grossegeesse
- 135 | A nova *littera* – literatura e literacia
Isabel Garcez
- 159 | Entretien sur l'Europe et l'écopoétique
Pierre Schoentjes

A questão da Europa na literatura judaico-alemã da pós-memória.

O caso de *Chronik meiner Strasse* de Barbara Honigmann e de *Ohnehin* de Doron Rabinovici¹

Teresa Martins de Oliveira
Universidade do Porto - ILC

Há críticos que consideram não precisar do conceito e do fascínio posmoderno pelo “transnacional” para caracterizar a literatura judaica, uma vez que ela sempre assim se posicionou e considerou. Também a propósito da mais jovem literatura judaica de expressão alemã essa questão se reacende frequentemente.²

Trata-se de uma literatura escrita desde os anos 80 por judeus nascidos depois da Shoah, oriundos quer de países do leste quer de Israel, e cujos textos representam uma nova inflexão principalmente temática e prospetívica. Dela fazem parte, entre outros, nomes como Esther Dischereit, Rafael Seligmann e Maxim Biller na Alemanha, Doron Rabinovici ou Robert Schindel na Áustria, Daniel Ganzfried na Suíça ou Barbara Honigmann em França. Desde a queda do bloco soviético, esse grupo tem vindo a ser engrossado por escritores de origem russa, como Vladimir Vertlib ou Wladimir Kaminer, e nos últimos anos, por autores mais jovens, como Lena Gorelik e Olga Grjasnowa. Também duas das autoras agraciadas nos últimos dez anos com o prestigiado prémio Ingeborg

Bachmann (Olga Martynowa e Katja Petrowskaja) pertencem ao grupo dos judeus rusos emigrados (Brenner 2013).

É certo que o pouco distanciamento temporal que nos separa da primeira publicação dos textos destes escritores dificulta afirmações generalizantes sobre o seu conjunto, desde logo porque eles se distinguem também por uma grande heterogeneidade. Assim, as interpretações de caráter global cedem frequentemente lugar a uma análise crítica individualizada, como será também o caso deste meu trabalho. Todavia, a crítica avança como característica comum a busca por um alargamento temático em que a memória da Shoah, sem perder importância, perde, contudo, a centralidade (Bodemann *apud* Hessing 2016: 245). Os textos surgem ancorados nas experiências políticas da dissolução do bloco soviético e da reunificação da Alemanha e da Europa, saldando-se, assim, numa mudança de paradigma. Sustentando que a concentração em Auschwitz como o único “outro” em relação aos valores da Humanidade (Ortner 2018: 83) impede a afirmação das suas próprias vivências, estes escritores esforçam-se por inscrever na história a equivalência entre os crimes do nazismo e do estalinismo. Acresce ainda que a Europa deixa de ser para estes autores judeus de segunda, terceira e quarta gerações apenas “um lugar de memória”, para ser analisada nas suas coordenadas sociais e políticas contemporâneas, marcadas por questões como os emigrantes de segunda geração e as migrações.

Comum a todos me parece ainda – pela origem e experiências biográficas dos criadores, que se plasam em textos de inspiração frequentemente autobiográfica, como é comum na tradição judaica (Hessing 2016: 255) – o facto de eles orientarem para Leste o seu eixo de ancoragem geográfica e referencial. Lembre-se, a este propósito e numa dimensão simbólica, o polissémico título do último romance de Robert Menasse, de incontestada centralidade na literatura ficcional sobre a Europa, em que “A Capital” refere simultaneamente Bruxelas, enquanto capital europeia, e a proposta apenas aparentemente *nonsense* da sua transferência para Auschwitz.³ Este movimento da Europa “para leste” na literatura pós – Queda do Muro de Berlim vem contrariar o movimento inverso que, pelo menos desde o período da *Aufklärung*, orientara para ocidente os judeus em demanda de uma cultura alemã ou francesa que viam como garante de integração social e como porta de entrada na cultura europeia (Bodenheimer/Battegay 2016: 271).

Partirei da distinção de Andreas Kilcher entre aquilo a que chama “duas formas de extraterritorialização”, que segundo ele caracteriza os membros da jovem literatura

judaico-alemã”. Kilcher distingue entre os autores que, escrevendo no espaço de língua alemã e vivendo uma extraterritorialização interior, se concentram nas “dificuldades e desarmonias decorrentes da ‘simbiose negativa’”⁴ o que, segundo ele, se plasma no afastamento em relação à literatura alemã e a uma estética tradicional,⁵ e aqueles que escrevem a partir de fora do espaço alemão. A deslocação geográfica parece permitir a estes uma ancoragem existencial (cultural e religiosa) menos problemática, que se repercute ao nível das opções estéticas, numa maior aproximação à literatura e à cultura alemãs (Kilcher 2002: 131-146).

De facto, Rabinovici, historiador de formação, habita Viena desde 1964, quando aos três anos para aí se mudou com os pais, vindos de Tel-Avive. Reparte o seu trabalho entre as atividades de escritor, dramaturgo, ensaísta, e uma atividade política interventiva, denunciando não apenas o antissemitismo como também o racismo e o populismo.

É diferente a situação de Honigmann: filha de judeus comunistas pertencentes à elite política e cultural da RDA, foi já com mais de 30 anos, com uma carreira profissional de escritora e dramaturga e uma atitude crítica face à opção política dos pais, que se converteu ao judaísmo. Seguiu-se a decisão que no seu primeiro livro autobiográfico (*Roman von einem Kind* (1986) [Romance de uma criança]) descreve como um triplo salto mortal sem rede: do Leste para o Ocidente, da Alemanha para França, e da assimilação para o meio do judaísmo da Tora. Em 1984 muda-se de Berlim Leste para Estrasburgo, para aí integrar uma comunidade judaica (Brenner 2013). A sua escrita, com forte pendor autobiográfico, explora a história da sua família, liada à história do antissemitismo nazi e da Alemanha sob domínio soviético. Os dois romances que irei tratar espelham, assim, cada um a seu modo, as respetivas vivências autobiográficas dos seus autores.

O romance de Doron Rabinovici tem o estranho título *Ohnehin*, que em português significa “mesmo assim”, “em todo o caso” [a versão inglesa é *Anyway*), e que, se decomusermos a palavra (ohne=sem + hin = para onde) remete para ausência de direção/orientação ou de lugar.⁶ Embora publicado em 2005, o enredo do romance decorre no ano de 1985, ano de acrescido valor simbólico e instabilidade política e ideológica para a Áustria.⁷ A ação desenrola-se à volta de dois eixos temáticos, funcionando o mercado Naschmarkt como lugar de interceção entre os dois e ainda como epicentro da linha de ação à volta dos migrantes e emigrantes. A outra linha, focada no passado nazi e em potenciais reações contemporâneas, fixa-se num pequeno prédio das imediações.

Lembre-se, desde já, que o icônico e secular Naschmarkt, que o próprio autor apresenta como uma “ilha no centro da metrópole” (DR 18), é descrito longamente no eclético colorido das suas mercadorias, vendedores e clientes e, ao mesmo tempo que traça uma ligação com o passado multinacional do Império Austro-Húngaro, representa, no dizer de Beilein, a “Áustria mais cosmopolita e poliglota da literatura contemporânea” (Beilein 2008: 95).

As referências remetem para um mundo exótico, de origem predominantemente oriental: “Passou por barracas de sushi japonesas, por delis chineses, por um restaurante marroquino, um indiano, um persa, um turco, por um expresso e uma pizzeria italianos” (DR: 17). Para o Naschmarkt convergem o protagonista Stefan Sandtner e o seu multirracial e multicultural grupo de amigos e conhecidos, oriundos das sete partidas do mundo (da Rússia, de Israel, do Congo, do Kosowo, da Sérvia e do Brasil (DR: 20-22)), bem como o velho judeu Paul Guttmann, putativo alter-ego do autor. Embora local de confluência, de encontro momentâneos e de aparente acolhimento de múltiplas existências migrantes e exílicas, o Naschmarkt vem a revelar-se um não-lugar tal como o descreve Marc Augé, em que o excesso de informação, tempo e lugar impede uma fixação definitiva e uma vivência plena.⁸ A história de todas as vidas que nele se cruzam revela a fragilidade identitária dos seus protagonistas (Simões 2010: 28-29), bem como a sua inquietação e desabrigo. Acresce ainda que a agitação, a multiplicidade, o caráter superficial e fugaz dos encontros parecem contaminar a própria escrita: as figuras e os seus destinos fortemente condensados e tipificados oferecem-se ao leitor como um cardápio de figuras ilustrativas de situações que ele reconhece de outros tantos discursos ideológico-culturais e políticos, perdendo-se, assim, algum do seu possível impacto. As figuras que povoam o Naschmarkt encarnam os problemas dos imigrantes da primeira e da segunda gerações (dificuldades de integração e discriminações de todos os tipos no país de chegada; relação idealizada ou conturbada com o país de origem; dificuldades de construção identitária). Encarnam também as dificuldades dos migrantes (legalização; a ausência de solidariedade por parte das pessoas e do estado; a percepção errada sobre os riscos reais que correm). E como vivência transversal a todos, a desconfiança e o racismo crescentes. Encarnam também figuras de judeus chegados depois da Queda do Muro de Berlim: a sua posição “especial”, paralelismos e diferenças em relação aos “outros” imigrantes, e o antissemitismo.

Em oposição a esta linha de ação ancorada no Naschmarkt desenvolve-se uma outra, à volta de três figuras que, podendo embora identificar-se como tipos, detêm um

recorte mais modelizado. Tema central são a memória e o esquecimento e a culpa, o passado e o presente. Esta linha encerra, compreensivelmente, o ponto de partida da história: O jovem neurologista Stefan Sandtner, que trabalha num projeto sobre os distúrbios patológicos da memória, recebe o telefonema de um antigo vizinho, o judeu Paul Guttmann, a pedir-lhe que venha observar um outro vizinho, médico, que foi acometido por um estranho mal que o torna incapaz de reconhecer o mundo circundante e se imagina a viver no ano de 1947 (DR 11-12). No seu alheamento, o velho médico revela o segredo tão cuidadosamente guardado de que integrara as tropas SS. Se o Naschmarkt representa a Viena multicultural, o pequeno prédio de Guttmann pode ser visto como representação de uma Viena “nacional”. Integram-na o jovem médico Stefan Sandtner e o seu pai, um juiz austero e sério, de quem o filho terá herdado a verticalidade; o velho médico nazi e os seus filhos (o filho, que teme que o passado do pai lhe estrague a carreira e a filha, que submete o pai a um interrogatório impiedoso, procurando obrigá-lo a assumir a sua culpa). Nesta Áustria nacional o romance inscreve ainda, programaticamente, o velho judeu Guttmann, sobrevivente da Shoah, que partilha com o jovem neurologista o papel de figura orientadora no romance.

Guttmann, originário da Bucovina, que no final da guerra ficou em Viena como “displaced person” (DR 41), tornou-se um grande comerciante, a partir da exploração de uma pequena barraca no Naschmarkt, local aonde volta recorrentemente. Parecendo replicar o teórico Dan Diner, conhecido divulgador da ideia da simbiose negativa (vd. supra, nota 4) entre alemães e judeus, bem como o imperativo moral de dar testemunho, que muitos dos escritores judeus da primeira geração dizem ser o motor da sua escrita, Guttmann explica que ficou na Áustria para “estar atento” (DR 48), para impedir que os erros sejam esquecidos e se repitam. Todavia, Guttmann alia a esta dimensão pública da sua intervenção social uma outra que orienta o seu comportamento privado. Partindo do princípio de que não deve haver esquecimento nem há perdão, o seu comportamento é pautado, como se prova, entre outros exemplos, pela ajuda ao velho nazi doente, pela solidariedade humana e pela racionalidade, indutoras uma como outra de compreensão e tolerância. Paul Guttmann – e note-se o nome falante – aproxima-se, assim, da célebre figura de Nathan der Weise, (Nathan o sábio), protagonista do tragédia burguesa homónima de Lessing,⁹ figura simbólica do humanismo na literatura alemã. (Lembre-se que foi com este drama iluminista que a maior parte dos palcos alemães reabriu depois da Segunda Guerra Mundial).

Não apenas ao nível desta figura, mas também ao nível do texto a resposta parece ser a mesma: a desatenção ao outro, velha questão que a literatura alemã ilustra desde *Parzival*¹⁰ com a incapacidade de formular uma pergunta piedosa, aparece repetidamente. Stefan Sandtner não pergunta à namorada, exilada do Kosovo, quais as verdadeiras condições em que vivem ela e o seu *cameraman*, um refugiado ilegal oriundo da Sérvia, tornando-se, desta forma, corresponsável moral da deportação deste último para a morte (DR 232). Também os pais de Sandtner e o próprio Guttmann são réus do mesmo silêncio desatento, pois se calaram face aos maus tratos que o médico bêbado e brigão (agora revelado como ex-nazi) dava à mulher, num paralelismo claro com o silêncio cúmplice de alemães e austríacos durante a Guerra. De facto, os seres humanos não são perfeitos e lidar com as vítimas contemporâneas (também os emigrantes e os exilados) torna-se difícil, mesmo para aqueles que se dedicam a manter viva a memória de crimes equivalentes do passado, numa clara acusação às tendências musealizantes do discurso sobre o Holocausto.

Todavia, o romance termina sob o signo da esperança, corporizada não só na partida do velho Guttmann para Jerusalém a visitar a família do filho (DR 248), como no projeto de Sandtner em mudar para uma casa melhor, embora sozinho, e a procurar um novo emprego (DR 256), mas principalmente na história de amor entre o feirante turco Theo (o único dos migrantes e imigrantes de segunda geração que logrou sentir a cidade de Viena como lugar de pertença (DR 160)) e a ativa rapariga cipriota-grega, da barraca de legumes ao lado. Invertendo, numa variação eufórica, o modelo de *Romeu e Julieta* que a relação entre os dois começa por evocar, o anúncio da gravidez de Sirin revela-se, por fim, desencadeador de uma clarificação entre a primeira e a segunda geração de imigrantes a propósito dos seus próprios sonhos pessoais e das suas identidades, que assumem como fragmentadas, e termina no *happy end* da aceitação do novo casal.

Menos trivial se afigura a conversa entre os dois “pais”, o turco Mehmet Ertekin, e o cipriota grego Georgius Alexandrus, conhecido por ter perdido uma perna no tempo das lutas revolucionárias contra a ocupação da sua pátria pelos turcos (DR 150-161). A descrição que faz das dores fantasma que sente na perna amputada, mas que são condição *sine qua non* para poder usar a prótese de forma eficaz, é referida por ele próprio como metáfora do tratamento a dar às memórias traumáticas da história. É preciso que as dores continuem vivas, para que as novas soluções se tornem eficazes (DR 202-204). Todavia, replicando a distinção entre a solução pública e a privada vivida pelo judeu Guttmann, também ele parece pronto a fazer cedências na sua história pessoal. Clarificando a origem

da perna artificial, explica agora que foi no tempo da invasão turca que perdeu a perna, mas “foi um acidente” (DR 238).

Esta solução pacificadora, variação da resposta de Guttmann às experiências da Shoa, revela-se, assim, não apenas uma repetição certificadora, como parece sugerir, na esteira do que defendem Levy e Sznaider (2001) e também Rothberg (2009), que as experiências à volta da Shoa são generalizáveis, o que, longe de comprometer a sua singularidade lhes confere absolutização e garante compreensão e perenidade.

Atentemos agora no romance de Barbara Honigmann, em que o estilo de crónica, programaticamente destacado no título (“Crónica da minha rua”) introduz desde logo uma perspetiva pessoal. Honigmann descreve a rua que habita desde que trocou Berlim Leste por Estrasburgo.

Da pequena varanda, onde colocou a mesa de trabalho, a narradora lança um olhar “a partir de cima”, algo distanciado e levemente irónico, mas benevolente, sobre o seu pequeno mundo... e sobre si própria. Esse olhar, dominado por uma atitude tendencialmente reflexiva, espelha-se na pacatez da rua, muito diferente do bulício que caracterizava o mercado vienense. A agitação do Naschmarkt dá aqui lugar a uma estagnação ou suspensão. Para esta concorre também a informação leimotivicamente enunciada de que a rua é antes do mais uma “rua da chegada e do início” (BH 13), enfatizando-se o carácter transitório da permanência nela. Também a inserção da rua na topografia da cidade a situa “à margem”: não tanto nas franjas da metrópole que é Estrasburgo, como nas suas costas: nas costas do Parlamento Europeu, da Escola Internacional e da European Business School (BH 9).

Se no romance de Rabinovici tudo e todos pareciam convergir para o Naschmarkt, a Rue Edel evoca um beco (sem saída) habitado por aqueles que em breve se orientarão para melhores quarteirões da cidade, e por aqueles que aqui permaneceram, nos pequenos mundos que criaram, muitos deles aparentemente esquecidos de si e de todos.¹¹

De facto, contrariando o seu nome falante, a Rue Edel ou Edel = nobre, em alemão, tem muito pouco da distinção anunciada. Revela-se também ela, e de novo como o Naschmarkt, como um mosaico de muitas nacionalidades, religiões e línguas, constituído por imigrantes da Ásia e da África, da Europa de Leste, mas também de Portugal e ainda por alguns franceses que a sociedade de consumo não conseguiu integrar (BH 12). Gradualmente foram chegando também muitos judeus, pelo que “a zona passou a ser apelidada carinhosamente como “segundo gueto” (BH 10).

Inicialmente mencionadas de forma breve e apenas tipificada, algumas destas figuras deixam a galeria de tipos e tornam-se protagonistas de capítulos individuais do romance, ilustrando experiências que se organizam à volta de alguns eixos leitmotivos: vivências do passado com a perseguição nazi, a vida nos países de leste, dificuldades de integração e de orientação de toda a ordem, a vivência da fé mosaica numa sociedade laica e desconfiada em relação a manifestações religiosas (e culturais) que desconhece, a multiplicidade de línguas e dialetos, sinal de diversidade identitária, e motivo de cumplicidades e/ou separações.

O tempo, que como motivo ocupa um lugar importante na narrativa, não se revela apenas estagnado: os habitantes que chegam são reflexo de evoluções económicas e sociopolíticas a que a rua não parece afinal imune.¹² De facto, aos pequenos comércios de bairro, como o café do turco ou a engomadoria da portuguesa Marie Ange, da ilha da Madeira, seguem-se, nos anos 90, grupos da máfia de Leste, e anunciam-se novos habitantes, endinheirados, que vão ditando o sucesso económico do pequeno comércio local até este ser engolido por cadeias de supermercados de produtos biológicos, anunciando-se como certo um processo de gentrificação, olhado com grande desconfiança pela narradora. Mas chegam também muitos outros judeus, principalmente desde a dissolução do Bloco Soviético e com muitos deles a narradora autora estabelece laços de amizade e boa vizinhança: ajuda, cuida, e por sua vez é mimada, discute literatura, teatro e arte. Na crónica da Rue Edel cabem também, ao lado de referências à vida familiar dos Honigmann, embora menos aos filhos do que ao gato e às plantas, recordações das férias, dos pais e da infância em Berlim. Se comparado com o Naschmarkt de Rabinovici, o grupo multicultural da Rue Edel afigura-se-nos, assim, igualmente multicultural e poliglota, mas mais eclético, alargando-se o objeto de observação e os temas tratados.

Afigura-se também mais alargada a cartografia interna e externa do romance: de facto, a instalação de Barbara Honigmann em Estrasburgo apenas exteriormente parece replicar o movimento dos judeus do leste europeu que, como foi dito, a partir da *Aufklärung* buscavam na Alemanha e na França uma crescente aculturação e assimilação. Pelo contrário, Barbara Honigmann procura em Estrasburgo a integração na comunidade judaica, a par de um sedentarismo oposto ao permanente nomadismo dos seus próprios pais. E se existem no texto frequentes referências a Paris, onde um dos seus filhos e alguns amigos se instalam, certa é também a prevalência do Leste na cartografia do romance e das referências biográficas da autora. Acresce ainda que vêm do Leste (da Alemanha e da Europa) muitas das figuras que habitam a Rue Edel, bem como as memórias e referências

da protagonista. Simbólica é por certo também a explicação de que a Rue Edel é “uma das ruas mais orientais de França, pois fica a leste do centro da cidade, onde se continua para a Alemanha” (BH 6).

O final do romance aponta, como *Ohnehin*, para uma evolução positiva: se ao nível particular se geram aproximações e cumplicidades, que os capítulos dedicados às diferentes figuras explicitam, também a nível geral a rua vai desenvolvendo, talvez pelo simples passar do tempo, certos hábitos de adaptação, preconizada numa forma de respeito mútuo que se parece ter desenvolvido a partir da indiferença. Essa evolução é coroada, no final, pela referência a duas festas: a “festa da música”, a fechar o romance, anuncia-se como encontro multicultural e polifónico e de integração de todas as minorias (BH 148-149). Antes disso, o texto refere a festa judaica das cabanas, ou das tendas (Sucot), em que – evocando o êxodo no deserto, depois da saída do Egito e os judeus que vivem na diáspora – durante oito dias os judeus fazem as suas refeições numa cabana temporária, expressamente construída para tal (BH 131-132). Barbara Honigmann descreve como, pela primeira vez desde que vive na Rue Edel, ela e o marido organizaram a montagem de uma tenda no pátio da sua casa, a forma como obtiveram a anuência dos vizinhos e diferentes reações de estranheza mais ou menos cómicas de vizinhos e autoridades, bem como, num momento de autoironia tão próprio do texto, como compraram pela internet um prático “kit cabana”, arrecadável ao lado do material de campismo (BH 133-139). Importante me parece, no contexto do romance, a reflexão acerca do tempo, que a precariedade da cabana simboliza. Motivo central no texto, o tempo, é aqui finalmente aceite na sua transitoriedade, que a precariedade da instalação da cabana e a da família Honigmann na Rue Edel tão bem simbolizam. O exílio é condição permanente da identidade judaica, mas é da inscrição desta condição numa ordem divina segundo a qual o transitório é marca distintiva do destino dos judeus, que a sua aceitação garante a paz interior que decorre da fé na proteção divina.

Esta viragem final para o idílio (cultural e religioso) ou para o humano-geral não parece afastar-se muito da viragem final do texto de Rabinovici. Um como outro autor parecem agarrar-se aqui a referências literárias (literário-culturais em *Ohnehin*; religioso-literárias em *Chronik meiner Strasse*) para esboçar uma solução positiva, que ambos projetam para o futuro (mais próximo e concreto em Doron Rabinovici, mais idealizado e transcendental em Barbara Honigmann).

Aqui chegada, volto às minhas questões iniciais sobre a imagem da Europa na mais moderna literatura judaico-alemã e à distinção de Kilcher entre os autores que escrevem no espaço de língua alemã e aqueles que o evocam a partir de fora.

Pesem embora diferenças dos dois textos no que respeita à fixação numa temática mais claramente ideológica e interventiva em Rabinovici, que se plasma numa maior concentração temática e numa maior fixação em problemáticas fraturantes, a que corresponde no romance de Honigmann, até mesmo pela opção genérica, uma maior prevalência de uma temática mais alargada, em que as questões sociopolíticas se aliam a anseios e angústias de carácter pessoal, mormente religioso, pudemos registar que, pelas opções estético-literárias e ideológicas que convocam, os dois romances se abrem, cada um a seu modo à construção de uma imagem da Europa de valor verdadeiramente cosmopolita e transnacional.

Tais dimensões advêm, nos dois romances, não apenas da multiplicidade de origens das figuras e das histórias de vida que referem. No texto de Barbara Honigmann é a própria experiência pessoal da autora e o seu processo de integração que se oferece como exemplo. A solução pessoal de pendor religioso e humanista é acompanhada por uma evolução geral de valor igualmente positivo, a que podemos atribuir um valor indicial.

Quanto ao texto de Doron Rabinovici, ele parece abrir-se a novas leituras, por um processo de gradual alargamento concêntrico: à constatação inscrita desde logo no título do texto de Beilein “Nesse Mercado é a Áustria” (2008), e alargada por Vlasta na afirmação de que o Naschmarkt é toda a Europa central (cf. Vlasta 2017: 164-165) junta-se, em minha opinião, uma orientação para uma leitura ainda mais ampla, pela qual o texto adquire um valor verdadeiramente transnacional. Para esta concorrem a análise das opções estéticas inscritas no texto, nomeadamente as evocações de conhecidos motivos literários e culturais de pendor generalizante, bem como o recurso a paralelismos e comparações, e ainda à desestabilização identitária das figuras como forma de transcender respostas de valor polarizado e absoluto.

A concluir não posso deixar de notar que a convergência que procurei encontrar na imagem da Europa doada por dois textos muito diferentes não deve ser confundida com uma tentativa de escamotear as diferenças estéticas e ideológicas que subjazem aos textos dos escritores judaico-alemães da segunda e terceira gerações. As propostas de Honigmann e de Rabinovici de uma transcendência de clivagens pessoais, lidas como transcendência de clivagens entre povos e, por um processo de alargamento metafórico, das clivagens entre leste e oeste e entre norte e sul que uma perspectiva económica tende a enfatizar, não é partilhada por muitos outros autores, em cujas obras prevalece uma imagem muito menos conciliadora e muito mais negativa das potencialidades integradoras da Europa e estes devem também ser ouvidos.

NOTAS

- ¹ Este artigo foi realizado no âmbito da investigação desenvolvida no Instituto de Literatura Comparada, Unidade I&D financiada pela FCT – Fundação para a Ciência e para a Tecnologia (UIDB/00500/2020).
- ² Sobre a dimensão transnacional da literatura judaica, vd., p. ex., de Andreas Kilcher, “Jüdische Literatur und Transnationalität” ((2019) ou de Bodenheimer “Deutsch-jüdische Literatur im europäischen Kontext” (2016). O tema tem sido tratado também em simpósios e seminários. Como exemplo, veja-se o seminário “Deutsch-jüdische Gegenwartsliteratur als transnationale Literatur” da Humboldt-Universität de Berlin https://agnes.hu-berlin.de/lupo/rds;jsessionid=B4EA7DDAF75A6F5A2DA6C9F4B0DA8428.angua_root?state=v (acedido 7.11.2020)
- ³ Sobre o romance *Die Hauptstadt* (2017) [*A Capital* (2019)] de Robert Menasse, vd., p. ex., o meu artigo no libreto nº 28, Europe: Literary Liminalities, Instituto de Literatura Comparada. DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-54784-8-4/lib28a4>.
- ⁴ O conceito “simbiose negativa” de Dan Diner generalizou-se para resumir a relação complexa que liga uns aos outros os judeus e os alemães (vítimas e perpetradores) desde a Shoah. Os alemães tanto adotam uma atitude filosemita como se vitimizam a eles próprios, ao mesmo tempo que procuram “normalizar” a história e as memórias do passado. Por seu turno os judeus declaram-se guardiões da história, mantendo vivas as memórias e instituindo-se em seus guardiões, para que o passado se não venha a repetir (Diner 1986).
- ⁵ Susanne Düwell recorre à distinção que Kilcher faz relativamente à “extraterritorialização interior” para ilustrar o diferente posicionamento de Maxim Biller e de Doron Rabinovici face ao mundo alemão e/ou austríaco (2012: 301-302).
- ⁶ Doron Rabinovici escreve a propósito do título do seu romance:
Das Wort „ohnehin“ ist ein schönes Wort, weil es verweist auf eine gewisse Beliebigkeit als Grundstimmung jener Jahre in dieser Generation, und es verweist für mich auch auf eine gewisse Ortslosigkeit, etwas, was sicherlich zu tun hat mit einem Markt, etwas, was sicherlich auch zu tun hat mit den Bedingungen von Weltmarkt in unserer Zeit, und etwas, was zu tun hat damit, daß eigentlich wir alle – seien es Juden oder Arbeitsmigranten oder nicht – in einer Art von Diaspora heute leben (Kalkoreit 2004).
[A palavra “ohnehin” é uma palavra bonita, porque remete para uma certa arbitrariedade enquanto espírito próprio daqueles anos desta geração, e para mim remete também para uma certa ausência de lugar/falta de orientação, algo que certamente tem a ver com um mercado, algo que certamente também tem a ver com as condições do mercado mundial no nosso tempo, e algo que tem certamente a ver com o facto de todos nós – judeus ou trabalhadores migrantes ou não – vivermos hoje numa espécie de diáspora (trad. TMO)].
- ⁷ No ano de 1995 é frequentemente referido como um ano controverso na Áustria: é o ano da sua entrada na União Europeia, mas é também marcada pelas controvérsias em torno do polémico político nacionalista e antissemita Jörg Haider; das políticas de asilo restritivas que o país adota; do eclodir de atos de terrorismo, nomeadamente contra ciganos. É também o ano do assassinato de Yitzhak Rabin. Em 1995 celebram-se ainda os cinquenta anos do final da Segunda Guerra Mundial e da libertação de Auschwitz (p.ex. Simões 2010: 27).
- ⁸ Também Beilein remete para o conceito de não lugar a propósito do caráter transitório e da dimensão de aldeia global que caracterizam o Naschmarkt (2008: 95).
- ⁹ Exemplo perfeito de racionalismo e tolerância, o judeu Nathan, a quem os cristãos haviam matado a mulher e os filhos, adota e cria como sua a filha de um amigo cristão.
- ¹⁰ Refiro-me ao poema épico medieval cuja autoria é atribuída a Wolfram von Eschenbach e escrito entre 1200 e 1210. Chegado ao castelo do Graal, o herói do poema falha em colocar a pergunta piedosa que libertará Amfortas do seu sofrimento atroz.
- ¹¹ A descrição da rue Edel ocupa o primeiro capítulo do romance e a ela se volta depois ao longo do texto (BH 5-13).
- ¹² Ao elencar todos os povos que se radicaram na região ao longo dos séculos, a narradora destaca a época da chegada dos judeus: “Os judeus vieram logo com os romanos pelo rio acima [...] depois vieram os francos...” (BH 12).

Bibliografia

- Beilein, Matthias (2008), “Auf diesem Markt ist Österreich. Doron Rabinovicis Ohnehin”, in J. Manuel Barbeito *et al.* (ed.), *National Identities and European Literatures. Nationale Identitäten und europäische Literaturen*, Bern, Peter Lang: 93-104
- Bodenheimer, Alfred /Caspar Battagay (2016), “Deutsch-jüdische Literatur im europäischen Kontext”, in Horch: *Handbuch der deutsch-jüdischen Literatur*, Berlin, De Gruyter: 270-280.
- Brenner, Michael (2013), “1996: Neue deutsch-jüdische Literatur. Unsere Serie über die Geschichte der Juden in Deutschland nach 1945: Folge 51”, [https://www.juedische-allgemeine.de/kultur/1996: Neue deutsch-jüdische Literatur | Jüdische Allgemeine \(juedische-allgemeine.de\)](https://www.juedische-allgemeine.de/kultur/1996:Neue-deutsch-juedische-Literatur-Juedische-Allgemeine-juedische-allgemeine.de) (acedido em 7.11.2020).
- Diner, Dan (1986), “Negative Symbiose: Deutsche und Juden nach Auschwitz”, *Babylon* 1: 9-20.
- Dülwell, Susanne (2012), “Das zwanghaft projizierende Selbst”, in Sucker, Juliane / Lea Wohl von Haselbe (eds.), *Bilder des Jüdischen: Selbst- und Fremdzuschreibungen im 20. und 21. Jahrhundert*, Berlin, De Gruyter
- Hessing, Jakob (2016), “Aufbrüche. Zur deutsch-jüdischen Literatur seit 1989”, in Horch, *Handbuch der deutsch-jüdischen Literatur*, Berlin, De Gruyter: 244-269.
- Honigmann, Barbara (2017), *Chronik meiner Strasse*, München, dtv [2016]
- Horch, Hans-Otto (2016), *Handbuch der deutsch-jüdischen Literatur*, Berlin, De Gruyter.
- Kalkoreit, Volker (2004), “Viele Fragen”, *Deutschlandfunk*, 28.7.2004. Viele Fragen (Archiv) (deutschlandfunk.de) (acedido em 17.3. 2021).
- Kilcher, Andreas (2002), “Exterritorialitäten. Zur kulturellen Selbstreflexion der aktuellen deutsch-jüdischen Literatur”, in Sand L. Filman /Hartmut Steinecke (eds.), *Deutschjüdische Literatur der neunziger Jahre. Die Generation nach der Shoah*, Berlin: 131-146.
- (2019), “Jüdische Literatur und Transnationalität”, in Bischoff, Doerte/Susanne Komfort-Hein, *Handbuch & Transnationalität*, Berlin/Boston, De Gruyter.
- Levy, Daniel /Nathan Sznajder (2001), *Erinnerung im globalen Zeitalter: Der Holocaust*, Frankfurt a.M., Suhrkamp.
- Ortner, Jessica (2018), “The German Jewish Migrant Novel after 1990: Politics of Memory and Multidirectional Writing”, in Katja Garloff/Agnes Mueller (eds.), *German Jewish Literature after 1990*, Camden House: 83-102.

- Rabinovici, Doron (2005), *Ohnehin*, Frankfurt a.M., Suhrkamp.
- Rothberg, Michael (2009), *Multidirectional Memory: Remembering the Holocaust in the Age of Decolonization*, Stanford, Stanford University Press.
- Simões, Anabela (2010), “Identidade, memória e esquecimento no romance *Ohnehin* de Doron Rabinovici”, *REAL - Revista de Estudos Alemães*, julho, 20-36.
- Vlasta, Sandra (2017), “Interdependencies: Migration, (Trans-)cultural Codes and the Writing of Central European Texts by Doron Rabinovici, Julya Rabinowich, and Vladimir Vertlib”, in Mitterbauer Helga/ Carrie Smith-Prei (eds.), *Crossing Central Europe: Continuities and Transformations, 1900 and 2000*, Toronto, Uni. Toronto Press: 148-168.

Europa Literária:

criação e mediação

Se na literatura a Europa tem sido alvo principalmente de um enfoque temático enquanto enquadramento geográfico e espaço concreto ou imaginário, outras abordagens críticas e teóricas permitem hoje lançar um olhar complexo e problematizador sobre o “Velho Continente”, enquadrando-o num contexto tanto geopolítico como geo-simbólico. Este enquadramento situa-o já não num cenário colonial ou continental, mas, num equilíbrio e futuro instáveis, entre as amarras do local e os apelos do identitário por um lado, e por outro entre os desafios da globalização e o confronto multicultural, e até no âmbito de soluções transculturais, desencadeadas nomeadamente pelas tensões bilaterais entre os polos regional e exílico / migratório.

Nesse novo contexto, o continente europeu torna-se legível e interpretável através de ferramentas conceptuais que exigem uma abordagem que vai para além do pacto linguístico-nacional e aponta no sentido daquilo a que se convencionou chamar “estudos regionais” (area studies), ou seja, a transversalidade de questões, fluxos e trocas envolvendo a criação e a mediação literárias dentro da mesma zona, independentemente das opções linguísticas (Moura, 2018).

ISBN 978-989-53476-0-5



ILCML | INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA
MARGARIDA LOSA